

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO - CAMPUS BELO JARDIM**

LUÍS HENRIQUE SABINO FERREIRA

**A ARTE DE CUIDAR: SIGNIFICADOS SOBRE O USO DA MÚSICA NA
ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA APAE.**

BELO JARDIM - PE 2025

LUÍS HENRIQUE SABINO FERREIRA

**A ARTE DE CUIDAR: SIGNIFICADOS SOBRE O USO DA MÚSICA NA
ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA APAE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Licenciatura em Música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, campus Belo Jardim como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Alves de Melo Valério

BELO JARDIM - PE 2025

LUÍS HENRIQUE SABINO FERREIRA

**A ARTE DE CUIDAR: SIGNIFICADOS SOBRE O USO DA MÚSICA NA
ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA APAE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do curso de Licenciatura em Música
do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do campus Belo Jardim, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado em
Música.

Aprovado em: 24/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Tatiana Alves de Melo Valério – Orientador(a) - IFPE IFPE –
Campus Belo Jardim

Prof. Ma. Andreza Silva Cordeiro – IFPE Examinadora
interna do IFPE

Profª Dra. Bernadina Santos Araújo de Sousa Examinadora
interna do IFPE

Belo Jardim – PE
2025

A ARTE DE CUIDAR: Significados sobre o uso da música na atuação profissional da APAE.

Luis Henrique Sabino Ferreira

luizinhoenriquesabino02@gmail.com

Tatiana Alves de Melo Valério

tatiana.valerio@belojardim.ifpe.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender os significados atribuídos ao uso da música por profissionais de uma unidade da APAE. Para isso, foram selecionados quatro profissionais que incorporam a música em suas práticas, mesmo sem formação musical. A Psicologia Cultural Semiótica serviu como base teórica do estudo. A coleta de dados envolveu entrevistas semiestruturadas, visando identificar e analisar os significados atribuídos à música, além de um levantamento documental para verificar a consonância dessas percepções com os documentos institucionais. Os resultados indicam que a música está presente de diversas formas nas práticas dos profissionais, tanto na educação quanto na promoção da saúde. Os principais significados atribuídos incluem: a música como promotora da interação social, recurso pedagógico, entretenimento, instrumento de estimulação sensorial, regulador emocional, recurso psicoterapêutico, facilitador do desenvolvimento da fala, mediador na construção do vínculo terapêutico e ferramenta de intervenção terapêutica multidimensional. Os achados reforçam que, embora os significados atribuídos à música pelos profissionais da APAE estejam alinhados com suas práticas, a ausência de formação técnica limita seu uso, evidenciando a importância da presença de um profissional especializado para potencializar seus benefícios.

Palavras-chave: APAE, Música, psicologia cultural semiótica, significados sobre música.

ABSTRACT

This study aimed to understand the meanings attributed to the use of music by professionals at a local APAE unit. To achieve this, four professionals who incorporate music into their practices, despite lacking formal musical training, were selected. Cultural Semiotic Psychology served as the theoretical foundation of the study. Data collection involved semi-structured interviews to identify and analyze the meanings attributed to music, along with a document analysis to assess the alignment of these perceptions with institutional guidelines. The results indicate that music is integrated into professional practices in multiple ways, both in education and

health promotion. The main meanings attributed to music include its role as a promoter of social interaction, a pedagogical resource, entertainment, a tool for sensory stimulation, an emotional regulator, a psychotherapeutic resource, a facilitator of speech development, a mediator in the therapeutic bonding process, and a multidimensional therapeutic intervention tool. The findings reinforce that, although the meanings attributed to music by APAE professionals align with their practices, the lack of technical training limits its use, highlighting the importance of a qualified professional to maximize its benefits.

Keywords: APAE, Music, Cultural Semiotic Psychology, Meanings of Music.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste em compreender os significados sobre o uso da música presentes na atuação de profissionais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em uma unidade pernambucana. A escolha deste tema surgiu a partir da experiência docente do primeiro autor, durante a realização de seus estágios curriculares da Licenciatura em Música do IFPE Campus Belo Jardim, vivenciado na referida instituição, além de experiências anteriores que despertaram reflexões sobre a inclusão. Essa pesquisa se mostra relevante do ponto de vista acadêmico, devido ao pressuposto que busca compreender mais sobre a utilização da música em diversos contextos, e social, porque busca contribuir para o avanço do movimento de inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, sobretudo o uso da música com esse público. Entre os questionamentos que surgiram durante o estágio e também na disciplina de inclusão, estão: a) quais os significados sobre música construídos pelos profissionais que atuam na APAE?, b) Se a música está presente constantemente na APAE, mesmo sem a presença de um profissional qualificado, então, quais os fatores que norteiam o uso da música nesse contexto? De que forma a música tem contribuído no desenvolvimento da autonomia e no processo de inclusão dos atendidos na APAE ?

Recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2012; 2014) para desenvolver este estudo. Essa abordagem investiga o sujeito em sua agentividade, considerando suas trocas contínuas com o meio semiótico na construção de significados sobre as mais diversas experiências humanas, das mais cotidianas às mais complexas. O cerne dessa perspectiva é o processo de construção de significados, que emerge da relação interdependente entre

o sujeito e seu meio sociocultural, compreendido em uma dimensão semiótica. Isso significa que o sujeito constrói, transforma e ressignifica signos (Valsiner, 2014), num movimento dinâmico mediado e regulado pela cultura. Na perspectiva valsineriana, a cultura não é uma entidade fixa, mas um processo contínuo de significação, no qual sujeito e ambiente estão em relação de separação inclusiva (Valsiner, 1997), isto é, a cultura e o ser humano são reconhecidos como fenômenos separados, mas tendo uma interdependência obrigatória entre eles. Assim, a cultura não apenas orienta e regula as ações humanas, mas também é constantemente recriada pelos indivíduos, funcionando como um sistema de regulação semiótica (Valsiner, 2012) que organiza e dá sentido às experiências, sem, no entanto, determinar rigidamente os modos de pensar, sentir e agir.

Do ponto de vista metodológico, adotamos um modelo de técnicas combinadas (Zittoun, 2009), a saber: a) entrevista semiestruturada e b) análise documental como estratégias centrais para acessar os significados construídos pelos participantes. A entrevista semiestruturada permitiu uma abordagem flexível, possibilitando explorar em profundidade as experiências e percepções dos trabalhadores da APAE sobre o uso da música em suas práticas. Essas ferramentas metodológicas, portanto, alinham-se à abordagem teórica adotada, viabilizando uma compreensão processual e contextualizada dos significados produzidos pelos participantes em sua relação com a música no ambiente profissional.

A seguir, apresentamos uma breve seção sobre deficiência e inclusão, que busca traçar um panorama sobre a evolução conceitual e legal desses termos. Também, uma descrição sucinta do processo de desenvolvimento histórico da instituição APAE.

1.2 DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO

A luta pela propagação da concepção de inclusão na sociedade tem em média 40 anos. Marcado por lutas e processos dolorosos, o jovem movimento inclusivo está crescendo e ganhando cada vez mais força no campo sociocultural, legislativo e educacional no Brasil e no mundo (Louro, 2018). Durante a primeira década, após o término da segunda guerra mundial, a humanidade, especificamente nos países ocidentais, estava entrando numa nova era que foi marcada por muitas mudanças. A criação da ONU (Organização das Nações Unidas) e, por meio dela, a criação dos

direitos humanos, foi um marco na história da humanidade por serem evidências de mudanças nas concepções sobre a dignidade do ser humano e sobre como preservá-la. Ao lançar a atenção sobre a dignidade humana, foi possível estender o olhar para a pessoa com deficiência, mesmo que ainda de forma limitada. Com isso surge a percepção de que as pessoas com deficiência precisam de um atendimento diferente, porém, como era o início das reflexões ainda existiam grandes falhas nas concepções da época.

Essa percepção contribuiu para o surgimento do paradigma da institucionalização que consistia em segregar as pessoas com deficiência colocando-as em instituições ou escolas longe da sua família e sociedade. Posteriormente, após mais discussões e reflexões, surge o paradigma do Serviço que tem suas bases nos paradigmas de desinstitucionalização e normalização que consistiam em colocar as pessoas com deficiência na sociedade após um processo de reabilitação numa tentativa de "normalizá-los" ou tornar suas condições perto das "normais". À medida que as reflexões se refinam no decorrer da história se percebeu que pessoas com deficiência antes de suas deficiências são pessoas, e com isso se questionou que elas devem ter os mesmos direitos que pessoas sem deficiência. Por isso surgiu o paradigma do Suporte que, diferente do paradigma do serviço que busca moldar a pessoa com deficiência para a sociedade, consiste em moldar a sociedade em favor das pessoas com deficiência. Desta maneira, minimizar as barreiras de natureza social, física, institucional e pessoal para promover o convívio, permanência, ida, vinda e o gozo em sociedade.

[...]Portanto, o Paradigma de Suporte é um processo bidirecional que envolve ações junto à sociedade e à pessoa com deficiência, e está fundamentado na ideia de sociedade inclusiva, isto é uma sociedade preparada para receber e lidar com a diversidade. [...] (Louro, 2019)

Hoje, após as rupturas dos paradigmas ultrapassados e o refinamento do paradigma do suporte, juntamente com o aumento da dedicação em pesquisas, é possível propor um conceito coeso que busque abarcar de forma suficiente e que contenha o caráter simples, e ao mesmo tempo holístico, do significado de inclusão. (Werneck, 1999) defende o caráter holístico da inclusão afirmando que ela só acontece quando a sociedade, como um todo, se adapta para acolher as diferenças, e não quando

os indivíduos têm que se ajustar às condições impostas:

“A inclusão não é sobre fazer favores ou concessões, mas sim sobre o direito de que todas as pessoas tenham de participar plenamente da vida em sociedade, com dignidade e autonomia” (Werneck, 1999).

Numa perspectiva mais voltada para a educação (Mantoan, 2003) diz que a inclusão é um movimento educacional que visa garantir o direito de todos à educação, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais dos alunos. Segundo ela:

"Incluir não é colocar o aluno com deficiência na escola comum sem suporte. Incluir é oferecer a todos os alunos, com e sem deficiência, condições adequadas para que possam aprender juntos, em um ambiente que respeite suas especificidades" (Mantoan, 2003).

Um dos maiores nomes da pesquisa em inclusão do Brasil, (Sassaki, 1997) enfatiza que a inclusão é mais do que simplesmente inserir pessoas com deficiência em ambientes comuns, mas requer mudanças estruturais e culturais na sociedade para que ela seja verdadeiramente acessível e justa para todos:

"Inclusão é um processo contínuo que visa garantir a participação plena de todos os cidadãos em todas as esferas da vida social, eliminando as barreiras físicas, atitudinais, comunicacionais e institucionais" (Sassaki, 1997).

Tabela 1. **Avanços histórico-legislativos do movimento inclusivo no Brasil**

TÍTULO DO DOCUMENTO/ANO DA PUBLICAÇÃO	CONTEXTO/ESFERA DE PRODUÇÃO/PRESIDENTE DO BRASIL	CONCEPÇÃO SOBRE INCLUSÃO
Constituição da República Federativa do Brasil de 1988	Federal/Promulgada em 5 de outubro de 1988. Início da Redemocratização do país/José Sarney	O discurso do documento se mostra fundamentado na concepção de integração, portanto, a inclusão, segundo as teorias adotadas, não se faz presente no discurso do referido documento
Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Jomtien, 1990	Internacional/Promulgada em 9 de março de 1990/Fernando Collor de Melo	Traz à luz as ideias das discussões sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência, objetivando transformações em caráter de negação ao paradigma da integração.

Estatuto da Criança e do Adolescente	Federal/13 de julho de 1990/Fernando Collor de Melo	Estabelece a obrigatoriedade do atendimento educacional especializado.
Declaração de Salamanca	Internacional/7-10 de junho de 1994/Fernando Collor de Mello	Traz à luz as ideias das discussões sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência, objetivando transformações em forma de negação ao paradigma da integração
LDB 9394/1996	Federal/20 de dezembro de 1996/Fernando H. Cardoso	Mediador da Carta Magna, prevalece o paradigma da integração
Resolução CNE/CEB no 2/2001	Federal/11 de setembro de 2001/ Fernando H. Cardoso	Procura detalhar diretrizes para inclusão, no entanto, a concepção não é contemplada.
Decreto no 3956 de 8 de outubro de 2011	Federal/ 8 de outubro de 2001/ Fernando Henrique Cardoso	O discurso gira em torno da prevenção, por parte dos Estados signatários, de existência de pessoas com deficiências.
Lei federal de incentivo financeiro 10845/2004	Federal/ 5 de março 2004/ de Luiz Inácio Lula Silva.	Universalização do atendimento especializado com vistas à superação gradativa pela inclusão de alunos nas classes comuns; Políticas Públicas orçamentárias de reforço de verbas públicas direcionadas à causa.
Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU)- 2006	Internacional/ 30 de junho de 2006/ Luiz Inácio Lula da Silva.	Reforço de compromisso de políticas de Estado pela causa; Contributo da construção do referente documento.
Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) 2006	Federal/ 10 de dezembro de 2006/ Luiz Inácio Lula da Silva	Preocupação com a causa procurando transformação social por meio da educação.
Plano de Metas e Compromisso Todos pela Educação 2007	Federal/ 24 de abril de 2007/ Luiz Inácio Lula da Silva.	Garantia de acesso e permanência das pessoas com deficiência na escola regular
Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) 2008	Federal/ 7 de janeiro 2008/ de Luiz Inácio Lula Silva	Inclusão como transversalidade nas etapas da educação, professores de apoio, como suporte para que o paradigma da inclusão seja efetivado
Decreto nº 7611 - 2011	Federal/ 17 de novembro de 2011/ Luiz Inácio Lula Silva.	Ênfase na criação de vínculos interpessoais entre os sujeitos da prática pedagógica.
Plano Nacional de Educação (PNE)	Federal/ 25 de junho 2014/ de Dilma Rousseff	Além da transversalidade nos níveis da educação, procura ampliar o alcance a outros grupos de excluídos.

Lei Brasileira de Inclusão (13146/2015)	Federal/ 6 de julho de 2015/Dilma Rousseff	Medidas punitivas para quem negar acesso à cidadania para com as pessoas com deficiência
Política Nacional de Educação Especial, Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida (2018)	Federal/ 30 de setembro de 2020/Jair Bolsonaro.	Retrocesso sobre o paradigma da inclusão, ao propor o retorno às classes especiais.
Lei nº14.723	Federal/ 13 de novembro de 2023/ Luiz Inácio Lula da Silva	Altera a Lei nº12.711/2012(A lei de cotas). Estabelece 50% das vagas em instituições federais de ensino superior e ensino médio/técnico. Dá acesso a pretos, pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência.

Fonte: Ampliação depois de Lucena (2022)

1.3 APAE

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) é uma instituição de caráter filantrópico e sem fins lucrativos que atua no Brasil desde 1954. Seu surgimento ocorreu a partir da iniciativa de pais e profissionais preocupados com a inclusão social e o desenvolvimento de pessoas com deficiência intelectual e múltipla. A primeira APAE foi fundada no Rio de Janeiro¹, inspirada em movimentos internacionais que buscavam garantir direitos e promover a qualidade de vida de pessoas com necessidades especiais. O movimento foi se expandindo ao longo dos anos, resultando na criação de unidades da APAE em diversas cidades brasileiras, transformando-se em uma rede nacional de apoio e assistência.

Historicamente, a APAE destacou-se como uma das primeiras instituições a oferecer atendimento especializado para pessoas com deficiência no Brasil, desenvolvendo serviços nas áreas de saúde, educação e assistência social. No início, o foco da instituição era fornecer atendimento básico e inclusivo, além de conscientizar a sociedade sobre a importância de políticas públicas que garantissem os direitos das pessoas com deficiência. Com o passar do tempo, a APAE diversificou suas ações, incorporando novas práticas e adotando uma abordagem multidisciplinar em seus atendimentos, o que ampliou seu impacto social e o alcance das suas atividades.

Atualmente, a APAE configura-se como uma das maiores redes de atendimento especializado do país, com mais de 2.200 unidades distribuídas em todos os estados brasileiros. A atuação da instituição está baseada em três pilares principais: saúde, educação e assistência social. No campo da saúde, a APAE oferece serviços de diagnóstico precoce, atendimento clínico-terapêutico e reabilitação. Na área educacional, a instituição promove a inclusão escolar de pessoas com deficiência, com um trabalho focado no desenvolvimento das potencialidades dos seus alunos/atendidos sempre com o apoio pedagógico necessário. No âmbito da assistência social, a APAE desenvolve programas que visam a autonomia e a integração social de seus usuários e suas famílias, promovendo também o acesso ao mercado de trabalho.

Além das suas atividades práticas, a APAE tem um papel fundamental na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, sendo uma das principais entidades a lutar pela criação e implementação de legislações inclusivas. Ao longo dos anos, participou ativamente de discussões e ações que culminaram na criação de marcos legais importantes, como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que estabelece diretrizes fundamentais para a promoção da cidadania e igualdade de oportunidades.

Atualmente, a APAE mantém-se fiel ao seu propósito de garantir o pleno desenvolvimento das pessoas com deficiência, mas também busca atualizar suas práticas e ampliar sua atuação para novos contextos e demandas sociais. A instituição trabalha em parceria com governos, empresas e outras organizações da sociedade civil para assegurar que as pessoas com deficiência tenham acesso aos seus direitos, enfrentando os desafios contemporâneos de uma sociedade em constante transformação.

¹ Artigo 9º do Estatuto da FENAPAEs estipula a data 11 de dezembro de 1954, data da fundação da primeira APAE do Brasil, foi consagrado como o dia nacional das APAEs. Após se passarem 10 anos, nasce a Federação Nacional das APAEs (FENAPAEs) também localizada no Rio de Janeiro.

2. PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA

A Psicologia Cultural Semiótica (PCS) oferece um arcabouço teórico para compreender Instituto Federal de Pernambuco. Campus Belo Jardim. Curso de Licenciatura em Música. 24 de fevereiro de 2025.

o processo de construção de significados, enfatizando a interdependência entre o sujeito e o ambiente cultural. Segundo Valsiner (1997, 2014), a experiência humana é mediada por signos, que são constantemente criados, mantidos e extintos em um processo dinâmico e hierárquico de significação. A construção de significados ocorre na interseção entre tensões subjetivas e sociais, por meio dos processos de internalização e externalização (Valsiner, 2012), nos quais o indivíduo ressignifica as influências culturais e contribui para a reconstrução do meio em que está inserido. Essa bidirecionalidade entre sujeito e cultura reforça a ideia de que os significados pessoais não são meras reproduções da cultura coletiva, mas emergem de negociações, tensões e processos de transformação (Valsiner, 2000, 2012).

A cultura, na perspectiva valsineriana, não é uma entidade estática ou homogênea, mas um sistema dinâmico de regulação semiótica que influencia e é influenciado pelos indivíduos - ou seja, ocorre na mente das pessoas (Valsiner, 2014). Essa compreensão permite analisar como os trabalhadores da APAE, em suas práticas cotidianas, constroem e ressignificam o uso da música como ferramenta pedagógica e interventiva. A música, nesse contexto, não se reduz a um recurso terapêutico padronizado, mas emerge como um elemento de mediação simbólica, que facilita interações significativas e potencializa processos de aprendizagem, inclusão e bem-estar.

A PCS enfatiza que os sujeitos não apenas absorvem os significados culturais existentes, mas os recriam a partir de suas experiências e interações. No caso dos trabalhadores da APAE, suas concepções sobre o uso da música são moldadas tanto por sua formação profissional quanto pela realidade prática de seu trabalho. Um fisioterapeuta pode perceber a música como um facilitador do ritmo nos exercícios motores, enquanto um pedagogo a interpreta como uma ferramenta para ampliar a atenção e a comunicação dos alunos. Essas múltiplas interpretações evidenciam como os significados não são fixos, mas emergem em função das necessidades, expectativas e práticas socioculturais de cada contexto.

Além disso, a distinção entre música como terapia e música como intervenção terapêutica ganha relevância sob a ótica semiótico-cultural. A primeira refere-se a um campo estruturado de conhecimento, no qual a música é empregada dentro de

protocolos clínicos específicos, conduzidos por profissionais especializados. Já a segunda diz respeito à utilização da música como meio de interação e desenvolvimento, sem necessariamente seguir um enquadramento terapêutico formal. No cotidiano da APAE, os trabalhadores não apenas aplicam a música, mas a ressignificam a partir das necessidades dos atendidos, criando usos inovadores e personalizados para cada situação. Esse fenômeno ilustra a natureza dinâmica dos processos semióticos, nos quais a música é incorporada como um recurso vivo e flexível, moldado pela experiência e criatividade dos profissionais.

Valério (2019), apoiando-se na PCS, enfatiza a construção de significados das experiências humanas dentro de um tempo irreversível (Valsiner, 2002), mediada por signos e símbolos (Vygotsky, 2007). Essa perspectiva, fundamentada na historicidade e na realidade social cotidiana (Lyra & Valsiner, 2011), compreende os fenômenos psicológicos como produtos das interações socioculturais em diferentes contextos (Valsiner & Rosa, 2007). Assim, reconhece-se que o ser humano é regido por um sistema de regulação semiótica (Valsiner, 2012, 2014), sendo a cultura e o indivíduo interdependentes em um processo de separação inclusiva (Valsiner, 1997), que resgata a singularidade do sujeito e sua imersão contínua nas relações sociais e culturais (Costa & Lyra, 2002).

A PCS é uma teoria complexa, que possui inúmeros conceitos. Para este trabalho, selecionamos alguns deles: signo promotor, signo hipergeneralizado, sugestões sociais.

3. METODOLOGIA

O design metodológico é fundamental para a efetividade da pesquisa científica, por isso é necessário o devido cuidado na escolha do método. Tal necessidade se revela verídica quando Gil (2002) traz o conceito de classificação da pesquisa por meio do delineamento², tendo em vista que a forma de conceituação de pesquisas de caráter exploratório, descritivo e explicativo necessita de uma conceituação mais assertiva devido a natureza empírica da realidade do campo de pesquisa. Além da conceituação por delineamento, Gil (2002) estabelece o conceito da pesquisa por meio do seu objetivo. Esta pesquisa se classifica como exploratória devido à natureza conceitual da sua busca, isto é, do seu objetivo a ser alcançado:

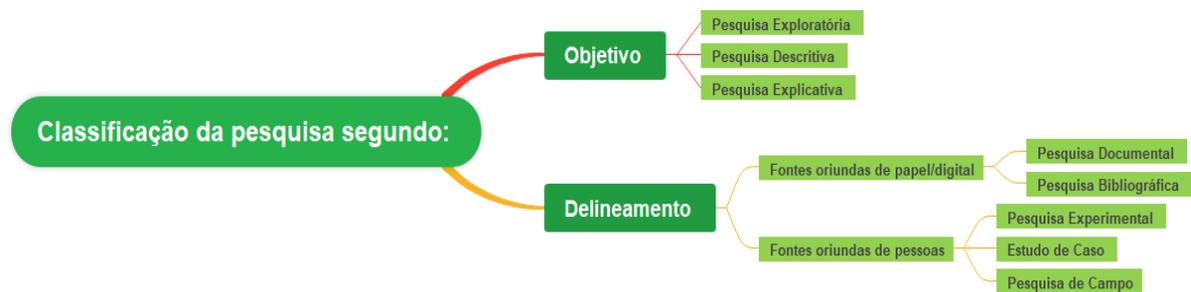
² O delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, que envolve tanto a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação de coleta de dados. Entre outros aspectos, o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados e as formas de controle das variáveis envolvidas (Gil, Antonio Carlos, 2002. Pág, 43).

problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

(Gil, 2002, pág, 41)

Além disso, o mesmo autor destaca dois eixos de delineamento com o intuito de classificar os subgrupos de pesquisas, a saber: “Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de "papel" e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas” (Gil, 2002, pág, 43). No que tange aos conceitos apresentados por Gil na citação acima, com relação ao primeiro se destacam a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, enquanto os segundo se destacam a pesquisa experimental, estudo de caso e pesquisas de campo (Gil, 2006). Para melhor compreensão dessas concepções, segue uma imagem-síntese contendo as informações:

Figura 1: Imagem-síntese da classificação da pesquisa segundo Gil (2002; 2006)



(Fonte própria)

Frente a isso, a presente pesquisa se classifica como exploratória em virtude do seu objetivo, contudo, no que diz respeito ao delineamento, divide espaço com os

dois eixos: pesquisa de campo e pesquisa documental. Este aspecto se dá devido à flexibilidade (Gil, 2002) que a pesquisa exploratória proporciona.

No que concerne aos aspectos éticos, o estudo seguiu as orientações vigentes e usufruiu da autorização expressa que o Grupo de Pesquisa obteve através do Parecer nº: 4.436.818 - Plataforma Brasil, para que pesquisadores desenvolvam estudos filiados ao projeto de pesquisa aprovado neste ato e que previu o desenvolvimento de pesquisas de 2020 a 2024.

3.1. Participantes

Buscamos contemplar a diversidade de profissionais que atuam na APAE, considerando a disponibilidade e oferta de serviços destinados aos usuários da instituição. Assim, a partir do conhecimento do primeiro autor deste artigo sobre a mesma, definiu-se os seguintes participantes: a) um profissional da psicologia; b) um profissional da pedagogia; c) um profissional da fisioterapia e d) um profissional da gestão (coordenador). O convite foi feito inicialmente à gestão e em seguida aos demais trabalhadores que concordaram prontamente em participar deste estudo, que seguiu as orientações vigentes para pesquisas com seres humanos.

3.2 Procedimento de construção de dados e o conceito de técnicas combinadas

Para dar conta da complexidade do fenômeno investigado, adotamos uma abordagem metodológica baseada em técnicas combinadas, conforme proposto por Zittoun (2009). A combinação de diferentes métodos permite captar a dinâmica dos processos de significação em múltiplas dimensões temporais e contextuais, articulando dados em tempo real e pós-fato. Assim, utilizamos a entrevista semiestruturada para acessar as experiências e percepções subjetivas dos trabalhadores da APAE sobre o uso da música em suas práticas e a análise documental para compreender como registros institucionais, materiais pedagógicos e normativas influenciam as práticas e discursos desses profissionais. Essa triangulação metodológica possibilitou uma visão mais ampla e aprofundada do processo de construção de significados sobre a música no contexto investigado, respeitando a complexidade inerente às interações entre sujeito, cultura e meio semiótico.

3.2.1 Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas na própria APAE, entre setembro e dezembro de 2023. Elas foram audiogravadas e transcritas na íntegra, para posterior análise. A seguir, apresentamos o roteiro-base para o desenvolvimento das referidas entrevistas.

1. Diga-me como se deu seu processo de escolha da profissão que você atua hoje:
2. Quais foram suas motivações durante esse processo ?
3. Conte-me como foi o processo para chegar até a APAE:
4. O que lhe motiva a permanecer na instituição APAE ?
5. Fale-me como funciona a APAE. Como acontece o acolhimento da pessoa com deficiência quando procura a instituição.
6. Quais as atividades oferecidas? Quem desenvolve? (Há algum trabalho feito com música ?)
7. Na sua opinião, o que as atividades com música agregam para o trabalho da instituição?
8. O trabalho com música é previsto no estatuto da APAE?
9. Diga-me de que maneira a música esteve presente nessa trajetória:)
10. Na sua opinião, para que a APAE existe?
11. Como você acha que seria o trabalho da APAE sem música? Como seria a APAE sem música?

3.2.2 Pesquisa documental

A pesquisa documental se configura com a análise minuciosa dos documentos, seja ela em papel ou registrada em alguma outra forma de conservação (Cellard, 2008). Mediante a reflexão de (Cellard, 2008) no que tange flexibilidade, tomou-se como procedimento a comparação entre o estatuto da FENAPAEs e o estatuto da APAE local (locus da pesquisa) com o intuito de encontrar algo que indicasse de que forma ou em que intensidade a APAE prevê em seus estatutos a utilização da música:

Para cumprir essa etapa metodológica, buscamos acessar dois documentos, através dos quais, seria possível investigar a presença da música nos documentos oficiais da instituição sob estudo. Assim, inicialmente, recorreremos ao portal da FENAPAEs para obter o primeiro deles. Já o acesso ao segundo, foi feito através de articulação com o setor administrativo da instituição local, pois ele não é um documento público.

4. ANÁLISE E DISCUSSÕES

Nesta seção, procedemos com a apresentação dos resultados, que envolve uma abordagem descritiva e interpretativa, característica da pesquisa qualitativa. Conforme defende Penna (2015), não há a necessidade de recorrer a técnicas específicas de análise, o que permite um enfoque mais flexível, quando esta análise é alicerçada em um arcabouço teórico robusto, somado a um desenho metodológico bem definido. Dessa forma, serão trabalhados os dados obtidos, identificando os elementos mais relevantes e redigindo o texto analítico. Apesar desse texto trazer uma interpretação pessoal dos dados, ele estará ancorado nos princípios teóricos da Psicologia Cultural Semiótica, como afirmado anteriormente. Na última parte desta seção, apresentamos os resultados da pesquisa documental. A partir desses pressupostos, buscou-se compreender quais os significados acerca do uso da música na prática profissional de trabalhadores da APAE.

4.1 Análise das entrevistas

4.1.1 Rute, a fisioterapeuta:

Rute, coordenadora e fisioterapeuta da APAE e professora de uma faculdade no interior Pernambucano onde nasceu, morou em Recife por um tempo e fez o ensino médio lá. Teve contato com a fisioterapia, segundo ela, desde que se entende por gente. Assim, escolheu essa área, sendo o forte vínculo afetivo com sua avó, que sempre precisou de cuidados fisioterapêuticos, o fator inicial e principal que a influenciou a escolher essa profissão. Na capital, concluiu a graduação e continuou morando lá por mais 10 anos e, após esse período, voltou à sua cidade natal. Além do vínculo com a avó, as experiências proporcionadas pelo estágio foram outros fatores que reafirmaram sua certeza ao escolher fisioterapia. Dentre os estágios, destacam-se a fisioterapia aquática, o Hospital do Exército e o Hospital da Restauração. Além dos estágios, teve uma experiência muito significativa para sua formação profissional, numa disciplina chamada “Psicologia, Humanização e Saúde”, onde teve contato com a música. Na disciplina, a professora, psicóloga, apesar de não ter uma formação específica em música, entendia sua potencialidade e a utilizava para tratar de assuntos delicados como a morte de pacientes e outros assuntos sérios. Na APAE, além das sessões regulares de fisioterapia, promove terapias com música durante as sessões de fisioterapia aquática e, em conjunto com a psicóloga, também no setor de envelhecimento. A princípio, a participação de Rute na disciplina Psicologia, Humanização e Saúde é um dado que se destaca, pois contribui de forma significativa na construção do entendimento que ela tem sobre a música. Isso torna-se visível em sua prática profissional, tendo em vista a iniciativa de utilizar a música como recurso terapêutico.

Além de suas características profissionais, o envolvimento emocional de Rute com sua profissão é um ponto que chama a atenção. Tal envolvimento mostra que Rute tem características de uma pessoa cujo envolvimento emocional é um fator determinante na construção de sentido sobre coisas que se propõe a fazer, podendo ser identificado como um signo promotor (Valsiner, 2012) em sua trajetória profissional:

Quando eu estava no quinto período, aí a minha mãe disse, “você não quer fazer Medicina, não? Tem uma faculdade na Paraíba, que você faz só uma prova”. Era como se você fosse transferir o curso. E aproveitar, reaproveitar algumas disciplinas. E aí, eu ia fazer uma prova de Português e de Anatomia pra entrar em Medicina. E eu disse que não, que eu não queria Medicina, eu queria continuar em Fisioterapia. Ela me matriculou, me inscreveu, aliás, nesse vestibular que era pra transferência de curso e eu não fui realizar porque eu queria fazer Fisioterapia. (Fonte: própria)

Sua trajetória na graduação, especialmente suas experiências nos estágios, contribuíram para a construção desses significados. No que diz respeito a sua profissão, além do forte vínculo da sua avó, como signo promotor que contribuiu para o início da sua trajetória na fisioterapia, acreditar que a profissão contribui para que pessoas voltem a crer que ainda há motivos para viver, se mostra como um signo que a faz permanecer na profissão. Segundo o seguinte relato:

Porque o fisioterapeuta, ele devolve, ele dá motivos pra pessoa querer continuar a viver. Por algum motivo, um acidente, ou um processo de doença muito traumático, é como se a gente pudesse ir ali e levar um pouquinho de conforto e de esperança. Através das condutas. (Fonte: própria)

Ainda que pareçam observações pouco pertinentes por não tratarem diretamente de significados sobre música, tornam-se pertinentes tendo em vista que apontam para uma característica do indivíduo no que diz respeito à construção de significados. Nesse mesmo trecho, também é possível perceber o interesse de Rute por assuntos relacionados a questões emocionais e de sentido, mesmo não sendo a área que a fisioterapia, de forma geral, se propõe a trabalhar.

Durante a entrevista, foi possível identificar um signo que regula a relação de Rute com seus pacientes, o sentimento que emerge do trabalho que ela desempenha na APAE, mas sem, no entanto, ela saber nomeá-lo. Valsiner (2012) define este sentimento sem acesso verbal, mas que possui a força de mediar e regular a construção de significados do sujeito, como signo hipergeneralizado. Nesse trecho e em outros é possível perceber a atuação do signo hipergeneralizado na construção de significados da entrevistada:

Eu gosto de estar aqui com eles e, assim, sabe, uma coisa muito importante é que sou eu que preciso deles, eles não precisam de mim. Se eu sair, qualquer pessoa vai ficar no meu lugar, vai desenvolver o trabalho, eu deixei o trabalho estruturado: grupo disso, grupo daquilo, atendimento disso, atendimento daquilo. Só que muitas vezes, por algum motivo, eu que preciso, hoje eu vou participar do grupo, hoje eu preciso desse contato com eles. ***Mas não sei, assim, descrever em palavras não, só sei sentir. Em palavras eu não consigo, eu sei sentir, mas não sei falar.***(Fonte própria)

Destaca que há momentos que ela precisa estar na APAE atendendo. Não só o trabalho dela ajudar outras pessoas, mas o ato de fazê-lo traz bem a ela mesma. Isso mostra que para ela o forte sentimento é fundamental reforçando a colocação acima. Essa sua característica também se apresenta como signo importante no processo de significado sobre música. Tal evidência é perceptível ao observar as colocações nos seguintes relatos:

Eu sempre gostei de música, e eu imaginava porque a música desperta algumas coisas, alguns sentimentos, digamos assim. Só que eu não entendia de técnica de música. (Fonte própria)

Em suas falas, ela dá ênfase ao fato de não saber de música no ponto de vista técnico, mas sabe que ela desperta sensações e sentimentos diversos, e percebe que pode utilizar isso a seu favor, tanto na sua profissão - quando institui o setor de longevidade e adota a música como ferramenta terapêutica, quanto na sua vida pessoal - quando coloca seu filho para ouvir Beethoven, mesmo antes de nascer e, após seu nascimento, promove estimulações musicais ao cantar para ele cânticos religiosos:

E quando eu comecei a ver você aí naquela época trabalhando, puxando alguns sons, eu comecei a entender que aquilo tem um propósito, mas até então eu não sei falar tecnicamente sobre música, sei falar sobre o que ela pode despertar.(Fonte própria).

Depende do tipo de música, do tipo de som, por exemplo, quando eu estava grávida do meu filho, eu colocava Beethoven, eu colocava música clássica pra ele, Beethoven. Tinha dois fones de ouvido, e eu colocava assim na barriga pra ele escutar, é, músicas também de cunho religioso, gospel, ele escuta também, tenho vários vídeos eu cantando pra ele, eu

pedindo pra ele se concentrar na música, então ela, dependendo do estilo de música, ela desperta algumas questões.(Fonte própria).

É possível identificar sugestões sociais sobre a importância e os benefícios da música para gestantes, que acabam mediando o significado construído por Rute, por ocasião da sua gravidez. A PCS destaca o papel que sugestões sociais exercem na regulação semiótica atuante na construção de significados. Elas podem ser crenças, normas ou até conceitos que circulam na cultura coletiva (Valério, 2013; Valsiner, 2012). No caso de Rute, é sabido por muitas grávidas, que é bom colocar música clássica e outras músicas para o bebê ainda na barriga. Segundo Valério (2013, p.48):

À medida que as sugestões sociais são internalizadas pela pessoa, são transformadas em significados pessoais e, então, externalizadas. Como resultado desse processo, surgem novas formas culturais, mas nem sempre esse processo de construção de significados pessoais ocorre sem problemas. Na maioria dos casos, os significados pessoais são construídos a partir de tensões e conflitos, negociações e renegociações com as sugestões sociais existentes.

4.1.2 Sara, a psicóloga:

Sara, psicóloga na APAE em dedicação exclusiva, não aponta um motivo exato que a levou a escolher a profissão, mas já expressava interesse e convicção desde o terceiro ano do ensino médio. Expressa que não houve uma pressão externa de terceiros ou possibilidades de estudo na região local, simplesmente decidiu fazer. Após o processo de escolha, buscou instituições próximas da sua localidade que ofertavam o curso. No que diz respeito à atuação na profissão, Sara se projetava como psicóloga hospitalar, mas, durante as vivências na graduação, conheceu outras áreas, dentre elas a psicologia clínica, a que trabalha atualmente.

Significados sobre o uso da música por Sara, em sua prática na APAE:

Os dados de Sara tem características que chamam atenção apesar da sua pouca experiência com música. Entre as perguntas, foi feita uma sobre projetos musicais na APAE, cuja resposta foi:

Na APAE, eu acho que desde o início, principalmente para grupo, a gente já percebia que a música influenciava de alguma forma. De alguma forma importante. Que eles se relacionavam muito bem com a música, que eles falavam através das músicas, e foi quando a gente começou a utilizar. Mas a questão da TV mesmo, do YouTube, tinha vezes que eles escolhiam as músicas, outras vezes a gente escolhia e pedia para dizer o que sentia através da música, e aí a gente começou o diálogo. Acho que isso muito no início. Quando a gente começou os grupos, quando a gente começou a se conhecer, a conhecer eles, aí eles nos conhecerem também. E aí inicialmente, a gente utilizou muito. Hoje em dia, a gente ainda tem essa inclinação, essa valorização, mas os grupos foram se modificando e a música não ficou fixa, mas ela ainda é presente nos grupos. Porque também a gente não tem um musicoterapeuta, não tem algum outro profissional, e para a gente nomear como musicoterapia não dá, porque não é musicoterapia. E aí ficou nesse processo.(Fonte própria)

Por meio dessa afirmação é possível perceber que ela é ciente de que existe um profissional específico que utiliza a música no contexto de promoção de saúde, o musicoterapeuta. Além disso, mesmo obtendo resultados positivos nas intervenções com a música, tem consciência de que a sua prática não se configura como musicoterapia. A musicoterapia se define quando há uma intervenção terapêutica, sistematizada, intencional e, principalmente, musical, sendo a melhora do estágio de saúde de um paciente/cliente o objetivo principal da prática. Essa melhora perpassa o campo físico e psicológico se utilizando da composição(criação), da apreciação(escuta), da re-criação e da reafirmação pessoal que são as múltiplas facetas da utilização da música (Bruscia, 2015). Essas facetas são exploradas por um profissional que tem o domínio e intimidade necessários, sabe a forma de utilizá-las e , ao mesmo tempo, tem uma formação terapêutica. O significado de Sara se alinha com o que há de mais atual com relação aos estudos em musicoterapia e também com a questão ética representada na ideia de que, se a instituição, dentre os seus diversos serviços, se presta a oferecer um serviço terapêutico, então a pessoa que deve trabalhar a música nessa modalidade de serviço é, de fato, o profissional capacitado para tanto, sendo ele o musicoterapeuta. Além disso, ela aponta que a música não acontece mais com a regularidade que acontecia por causa da falta de um profissional que faça a aplicação com a devida eficácia. Mesmo entendendo a potencialidade da música, infelizmente a ausência da técnica e, principalmente, a ausência de um profissional, fez com que o trabalho de terapias com música não se sustentasse, apesar da música ainda existir, mas não com a constância que tinha. Após isso,

procedeu-se com uma verticalização da temática, sendo explorados os resultados decorrentes das intervenções com a música. Sara, então, afirma:

Sim. Principalmente levando para a parte de expressão. De expressar o que você sente, o que aquela música lhe traz. E é um processo que é interessante para a questão da psicologia também, a questão emocional. Além também da cognição, que depois foi outra coisa que a gente começou a perceber e que também favorecia. Porque quando a gente colocava uma música, por exemplo, para eles prestarem atenção a determinados elementos, a gente estava trabalhando com cognição, a gente estava trabalhando com percepção, atenção, a gente estava trabalhando com a memória. Então, tinha esse aspecto emocional e também a gente percebeu que tem a questão cognitiva, que dava para a gente atrair e atrelar às nossas profissões. (Fonte própria)

Diante do exposto, se faz perceptível que, após as experiências musicais em grupo, Sara afirma que a música pode ser usada como um meio de expressão, não somente do ponto de vista artístico, mas sim, terapêutico. Um tipo de expressão que possibilita a melhora em algum aspecto psicológico ou psicossocial. Esse aspecto expressivo se coloca como eficaz na prática de Sara como psicóloga, pois torna possível encontrar as demandas psicológicas de cada um e intervir de maneira adequada. Além disso, ela percebe que a música pode ser usada como um meio de estimulação cognitiva/sensorial, uma vez que os atendidos, ao se expressarem por meio da música, melhoram sua atenção, percepção, foco e autorregulação emocional.

Sara afirma que seu entendimento sobre o potencial da música, seja do ponto de vista psicológico ou cognitivo, identificados em sua prática profissional na APAE, ocorreu “realmente na prática, no grupo da APAE” (Fonte própria). Ela não aponta nenhuma evidência que faça menção a experiências musicais na sua trajetória e afirma que não teve nada relacionado à música na sua graduação. Começa a apontar experiências musicais na entrevista a partir da pergunta relacionada a trabalhos com música na APAE, evidenciando que suas primeiras experiências com música foram lá. Esse dado chama atenção porque aponta para a maneira como o profissional se porta ao usar a música. Ao comparar Rute com Sara, é possível perceber que a primeira, por vivenciar experiências musicais focadas na sua prática profissional dentro da graduação, toma a iniciativa de inserir a música no grupo da longevidade, enquanto a segunda, por não ter vivenciado, não imaginava que a música poderia ser tão eficaz até ver seu uso na prática com o grupo e poder perceber seu potencial no ambiente terapêutico. Esse dado traz a reflexão de que as potencialidades da música podem ser

incorporadas no contexto da saúde, para além do musicoterapeuta:

[...]O uso da música no campo da saúde não tem sido somente uma prática de musicoterapeutas. Outros profissionais da área da saúde - médicos, dentistas, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, enfermeiros, dentre outros - utilizam a música como mais um recurso em suas práticas profissionais. [...] (Silva Júnior, 2008, pág. 18)

A luz das palavras de Silva Júnior (2008) é possível inferir que, se o uso da música fosse abordado no processo de formação dos profissionais de saúde, seria possível perceber seu uso com mais frequência, não como musicoterapia, mas sim como um recurso terapêutico que tem se mostrado efetivo. Contudo, faz-se necessário a ressalva que, mesmo que diferentes profissionais da saúde possam utilizar a música em sua prática, essa utilização não se configura como musicoterapia, pois, ela propriamente dita, é uma prática exclusiva do musicoterapeuta tendo em vista que ele possui os aspectos técnicos musicais e terapêuticos para conduzi-la dentro dos eixos definidos por Bruscia (2015) anteriormente.

Além desses dados abordados, a pergunta seguinte buscou entender a opinião dela com relação aos trabalhos com música na APAE, que tipo de impacto seria gerado se esses deixassem de existir:

Acho que a música dá um encanto maior para cá, para os meninos também, porque além do que a gente faz aqui dentro do grupo, lá fora eles também. Lá fora que eu digo, com profissionais de educação física, por exemplo, com a questão de arte e cultura, eles são muito artísticos. E aí a música dá uma magia diferente ao que se faz aqui dentro. Quando a gente tem música, a gente é bem envolvido, acho que todo mundo, tanto os profissionais quanto os meninos, quanto as famílias também. (Fonte própria)

Nessa fala, a palavra “magia” remete a subjetividade, individualidade, expressividade e prazer. Com a música é possível desenvolver a saúde dos pacientes ao mesmo tempo que dialoga com a subjetividade de cada um, num ponto de vista artístico, contemplativo e estético. O tratamento torna-se mais leve com a música. Além disso, ela evidencia a música como uma espécie de membrana plasmática³ onde todos estão mergulhando e se mantendo juntos, pais, profissionais e atendidos no processo que é tanto artístico, como terapêutico. Essa resposta dialoga com seu comentário oriundo de outra pergunta. Nele, ela enfatiza a necessidade dessa magia

no contexto da APAE, destacando o aspecto emotivo e envolvente da música, bem como sua eficácia com atendidos não verbais:

É claro. Porque é bom você ter empolgação, né? E as questões de comunicação, você extrai de diferentes formas, e a música é um meio para você extrair algumas questões que você não conseguiria, ou que talvez venham mais naturais ou mais envolvidos quando vem a música. Nem todo mundo aqui se comunica verbalmente, por exemplo. Então a música é um meio, acaba sendo um meio também. (fonte própria)

Apesar da ideia de magia remeter a algo fantasioso, nesse contexto, ela é necessária, pois aponta para o que há de mais profundo num indivíduo que não consegue se expressar somente pela via verbal. Nessa ótica, a magia se mostra como a metáfora da expressividade que ganha voz por meio da música. Analiticamente, pode-se afirmar que a música para Sara, ganha contornos de um recurso semiótico de mediação (Vygotsky, 2007), dito de outra forma, a música pode ser identificada como um signo mediador (Valsiner, 2012) no processo de construção de significados dos pacientes, ou seja, suas externalizações, inclusive pelos sujeitos não-verbais. As experiências vivenciadas em conjunto com a fisioterapeuta e com os pacientes, permitiu um processo de construção de significados para Sara, inicialmente deflagrados com o auxílio desses “outros significantes” (Azevedo, 2017), que podem ser analiticamente entendidos como signos reguladores na dinâmica desse processo.

4.1.3 Ester, a psicopedagoga:

Ester, psicopedagoga e coordenadora educacional da APAE, sempre se identificou com a área da educação e considera que, além do amor pela área, também se enxerga como vocacionada para isso. Esse interesse pelo ensino já se mostrava presente na sua infância quando brincava de professora com seus irmãos. Posteriormente, cursou o magistério (atual Normal Médio). Seu processo de afirmação da escolha da profissão se deu de forma gradativa, através de experiências de estágio e das primeiras atuações como professora, após formada no magistério, além do incentivo dos pais que, apesar de não terem formação superior, entendiam o valor do estudo e sempre a estimularam a estudar. Mais para frente concluiu a formação superior em Pedagogia, depois fez pós-graduação em psicopedagogia e em

³ Essa metáfora da “membrana plasmática”, componente celular que envolve o citoplasma e todas as organelas de uma célula mantendo-as juntas, vem com o objetivo de mostrar como a música consegue unir todos os agentes envolvidos gerando a promoção da saúde por meio da interação conjunta entre pais, profissionais e assistidos

psicomotricidade. Logo após terminar o normal médio, veio trabalhar no comércio em sua cidade até aparecerem contratos para o município. Um tempo depois apareceram duas oportunidades de escolha, dentre elas a APAE e outra instituição, mas ela escolheu a APAE.

Significados sobre o uso da música por Ester, em sua prática na APAE:

Ester, assim como Rute e Sara, trouxe dados que reforçam o significado de que a música é um recurso útil, tanto para objetivos didáticos, quanto terapêuticos. Durante a entrevista ela relata a experiência com um atendido que tinha déficits em algumas funções sensoriais linguísticas, táteis e auditivas, que conseqüentemente, dificultam as interações sociais:

A criança, essa mãe que me trouxe essa fala, ela era uma criança que ainda não, ela não tinha muita interação. Como eu te disse, o espaço lá era um espaço preso, então aqui desfocava ela e foi a partir desse menino que eu comecei a ficar próximo dele, tentando entender o que é que ele queria me falar. Ele não fala, não é verbal, mas ele se comunica de outra forma, né? (Fonte própria)

Nesse contexto, Ester buscou dar a devida assistência à criança utilizando uma abordagem centrada na própria criança, buscando analisar suas particularidades. É possível perceber mais sobre isso ao ver sua resposta na pergunta que buscava entender quais eram seus objetivos pedagógicos, tomando como exemplo a habilidade de leitura:

Não, porque ele não era uma criança que dominava outras coisas, por exemplo, era uma criança que ainda não reconhecia sons, não sabia diferenciar os sons, a textura de muitos objetos ele não sentia, então a gente começa a trabalhar assim, a partir de primeira coisa, a gente começa a partir através do som, eu quero que ele identifique que som é esse então ele era uma criança, por exemplo, às vezes quando eu ia cantar uma música, que eu aumentava o tom da música eu percebi que ele não gostava, então aquela música dele tinha que ser uma música mais, um tom mais leve, mais suave. (Fonte própria)

Nessa fala já é possível identificar um pouco de como ela estrutura a sua prática pedagógica/terapêutica e relaciona a música dentro dela como uma espécie de recurso. Posteriormente foi feita uma pergunta com o intuito de entender como ela constroi o procedimento e quais os parâmetros que ela utiliza para estruturar o caminho pedagógico mais adequado para seu atendido:

O processo é... a primeira coisa é a criança. Então, eu tenho que conhecer ela, identificar ela, quais são os seus gostos. o que é que ela gosta, o que é que ela não gosta, o que é que desorganiza, o que é que organiza ela e aí fiz essa primeira avaliação, criei tudo isso aí e agora eu vou começar a elaborar em cima dela por exemplo, uma criança que gosta de carro, então na minha atividade eu vou pensar em algo que tenha carro até eu conquistar essa confiança dela e aí eu vou ver quais são as habilidades que eu preciso, né isso é uma criança ainda que já está em processo, que ela já está em processo para a alfabetização e as outras etapas desse processo ela já concluiu ou está continuidade. (Fonte própria)

Nessa fala percebe-se a maneira como ela pensa sua prática e como ela faz uma relação de ordem do que é necessário desenvolver na criança inicialmente, indicando que os objetivos pedagógicos podem estar em função dos objetivos terapêuticos sensoriais em algum momento, partindo do princípio de que não há como ajudar a criança a desenvolver uma competência pedagógica se existe um déficit sensorial que a impede de evoluir. Tomando como exemplo a leitura. Não há como desenvolvê-la se ainda existem dificuldades no campo sensorial linguístico. Por isso, antes de trabalhar alguma necessidade educacional, constata-se antes se a criança tem alguma necessidade de outra ordem que possa vir a prejudicar sua aprendizagem. Ademais, dentro desse processo, ela utiliza a música. Nesse trecho acima, ela utiliza o exemplo do carrinho como instrumento para se construir um vínculo de confiança, mas, como ela disse acima, tudo depende da criança. Sendo assim a música um possível gosto da criança, ela pode ser usada como recurso de construção de vínculo. Com isso é possível concluir que Ester utiliza a música como instrumento de estimulação sensorial, ponte para construção de vínculo e recurso didático. Uma outra afirmação feita por ela reforça esse pensamento:

Bom, dentro da área da pedagogia, a música faz parte do planejamento. Pensando assim, eu vou trabalhar e vou construir a aprendizagem com a criança, então a música ela faz parte. Pensando hoje assim, no público da APAE, como é que eu vou diferenciar que música usar, que tom usar? Primeiro eu tenho que conhecer essa criança, saber realmente se a criança gosta da música. Música é vida, mas nem toda criança gosta de música. (Fonte própria)

Para Ester, é evidente que os signos que atuam em seu sistema de regulação semiótica, na construção de significados pessoais sobre o uso da música, são aqueles que reconhecem o potencial pedagógico que a música pode proporcionar aos assistidos e não outros (ex.: ligados à autorregulação emocional, como fez a psicóloga). Isso nos diz da dinâmica interdependente entre o sujeito (agente da construção de significados) e o ambiente semioticamente investido (Valsiner, 2012). Portanto, os significados pessoais são construídos nas trocas entre o sujeito e seu ambiente, a partir da mediação e regulação de signos que podem manter ou transformar os significados pessoais e coletivos (Valério, 2013; Valsiner, 2012). A cada significado construído, Ester reforça e mantém os valores e conceitos pedagógicos da sua prática docente.

4.1.4 Paulo, o ex-gestor:

Paulo, ex-gestor da APAE, tem uma formação acadêmica na área de letras e uma formação prática em gestão, empresário desde os seus 24 anos de idade, tem uma vasta experiência em gestão e gerência empresarial. Em sua trajetória em algumas empresas privadas, pode fazer cursos na área de gestão de pessoas e administração empresarial, todos financiados pela instituição. Mesmo reconhecendo sua vocação para o trabalho em gestão empresarial, sentia que faltava alguma coisa. Entendeu o que faltava quando começou a se envolver mais com o social, nesse contexto, recebeu um convite para dar apoio na gestão da APAE de forma voluntária. Ele entendeu, por meio da APAE, que seu propósito iria além da sua vocação como gestor, que tinha a ver com cuidar de pessoas.

Dentro desse contexto, foi feita uma pergunta acerca de como foi o processo de implementação das atividades presentes na APAE atualmente, e de que forma a sua presença enquanto gestor impactou no desenvolvimento da instituição de forma

geral:

Pronto. O que é que eu entendo? Eu não preciso fazer tudo, eu preciso encontrar quem sabe fazer. E aí, não adianta, você não vai ter nem tempo, nem capacidade de fazer tudo. Você precisa encontrar as pessoas certas. E essa psicopedagoga foi quem fez, ou começou a mudança na APAE. Ela começou, ela já tinha uma clínica, então ela começou a passar o material que ela tinha. Certo. Só que nesse processo, a gente fez um acordo com ela, que a gente ia investir em cursos que ela precisava e ela ia replicar para o nosso pessoal. (Fonte própria)

Ele conta dessa experiência com uma profissional psicopedagoga que recebeu incentivo financeiro para se qualificar com o intuito de treinar a equipe da APAE. Dentro dessa resposta ele, naturalmente, começa a falar no novo processo de atendimento da APAE que é utilizado até hoje e que consiste no seguinte:

A maior parte das pessoas que vão para a APAE, elas vão atrás apenas das terapias. Mas as terapias são um dos serviços que a gente tem. O trabalho que a gente faz hoje, com as psicopedagogas e com as pedagogas, é um trabalho de terapia individualizada,⁴ igual um atendimento a uma clínica particular. Não é uma aula em uma sala, é um atendimento individualizado para cada um desses usuários. o usuário, de acordo com as necessidades dele. (Fonte própria)

Nesse momento pode-se observar a similaridade com a prática de Ester. Por isso, é possível ver a presença da música nesse contexto de atendimento multidisciplinar. Isso reforça a ideia de que a música é um componente necessário, dependendo da demanda que o atendido apresente.

Significados sobre o uso da música por Paulo, em sua prática na APAE:

No decorrer da entrevista, conversando sobre os projetos da APAE foi feita uma pergunta com o objetivo de entender se já havia sido feita alguma intervenção se utilizando da música. Foi obtida a seguinte resposta:

A gente já teve projetos com aula de canto, com ensaio de coral, a gente já teve um projeto, em parceria com o Criança Esperança, que tinha um musical dentro, e aí participaram. Esse foi muito interessante, porque tanto participaram as crianças, como os pais e algumas mães participaram desse processo. Como elas iam e ficavam esperando, o facilitador entendeu que era interessante elas participarem, e foi muito interessante as apresentações que eles fizeram. Então, a música tem esse poder de envolver pais, mães, crianças, e é uma coisa que relaxa. (Fonte própria)

Não só Paulo, como também Sara comentaram sobre alguns projetos de música que já aconteceram na APAE como o Criança Esperança, mas, apesar de efetivos, só duraram por um determinado período por serem projetos de prazo determinado. Na APAE os únicos projetos fixos que envolvem a música são o grupo da longevidade coordenado por Rute e o grupo de Xaxado coordenado por outro profissional, além de intervenções musicais na prática de alguns profissionais quando entendem que precisam. Nesse contexto, Paulo, inicialmente, evidencia que a música funciona como um instrumento de integração e socialização. Ele destaca a efetividade do projeto evidenciando o caráter de sociabilidade que a música oferece. Além dessa perspectiva, ele entende que a música funciona como um instrumento de intervenção terapêutica múltipla, ou seja, num só trabalho musical podem haver diversos objetivos e podem ter o envolvimento de vários profissionais. Destaca também o potencial da música de fazer atividades “chatas” se tornarem interessantes, além do seu potencial de relaxamento e divertimento. No comentário abaixo ele deixa isso aparente:

Geralmente quando a gente faz os projetos, a gente pensa em colocar uma fono, porque ela vai trabalhar através do canto o desenvolvimento de algumas técnicas que seriam às vezes chatas, mas através da música, ela fica mais criativa. No processo de dança, a gente coloca um fisioterapeuta, porque aí, de repente, ele vai fazer alguns exercícios que vão ajudar. Então, você tocou uma coisa interessante. Por quê? Porque hoje a gente entende que o nosso trabalho é interdisciplinar. Por quê? Porque a gente consegue fazer com que, dentro da música, outros profissionais possam participar e, através do canto, da música, do brincar, a gente pode fazer com atividades que seriam chatas, serem mais interessantes. Eu acho que esse é o grande poder. Sem contar essa questão de acalmar, de divertir, a música tem um poder muito grande. (Fonte própria)

Observamos que no processo de construção de significados do gestor, a música é vista também como um recurso que conecta as diversas atividades desenvolvidas na instituição, de caráter interdisciplinar, como apontadas por ele.

⁴ Nesse momento, ele quis diferenciar as terapias comuns do serviço individualizado e multidisciplinar oferecido na APAE, isto é, um atendimento terapêutico e também pedagógico dentro das necessidades do atendido.

4. 3 Resultado da pesquisa documental:

Após a pesquisa documental percebeu-se que, tanto o estatuto da APAE local, quanto o estatuto da FENAPAEs não aprofundam informações sobre atividades musicais. Ambos os estatutos se propõem a definir a identidade da instituição, seus objetivos, sua maneira de atingi-los e seu funcionamento no âmbito administrativo e jurídico. De forma geral, ambos os estatutos na parte que se propõe a discorrer sobre os fins, isto é, objetivos institucionais, expressam o atendimento multidisciplinar e outros aspectos que versam sobre o funcionamento da instituição como um todo. Os dados abaixo (Figura Y) retirados dos estatutos comprovam tais afirmações:

Em seu parágrafo XXVII(vinte e sete), do artigo 10º, aborda a promoção de atividades em diversas naturezas, contudo não apresenta nenhuma informação que faça menção a música, e nem mesmo a alguma arte. Contudo no trecho do estatuto da FENAPAEs há uma pequena brecha que, mesmo que indiretamente, aponta para música:

XXVII – promover e articular serviços e programas de prevenção, educação, saúde, assistência social, esporte, lazer, trabalho, visando à plena inclusão da pessoa com deficiência, preferencialmente intelectual e múltipla.

(Fonte própria) Estatuto da APAE local

XII - promover e articular programas de prevenção, educação, saúde, assistência social, esporte, cultura, lazer e formação para o trabalho visando à inclusão social da pessoa com deficiência preferencialmente intelectual e múltipla.

(Fonte própria). Trecho do estatuto da FENAPAEs

Em seu parágrafo XII(doze), do artigo 11º, contém uma descrição, em essência, semelhante a do texto da APAE local, contendo todas as naturezas de serviço com a inserção mda cultura, sendo esse o aspecto que chama atenção. A palavra cultura aponta para possíveis intervenções musicais, bem como todo tipo de manifestação cultural incluindo a arte em todas as suas esferas, mas, não se mostra suficiente para apontar para a música em si como aspecto presente nos estatutos. Sendo assim, conclui-se que os estatutos não citam diretamente nenhuma atividade musical em âmbito nenhum, apesar de abrir espaço para tais feitos quando se observa o eixo da cultura apresentado. Além disso, não descreve atividade de nenhum profissional de nenhuma área, mas deixa evidente os eixos utilizados para nortear os atendimentos.

Mediante a essa reflexão, se percebe que ambos os estatutos dão autonomia para que suas APAEs possam estabelecer seus próprios modelos de intervenção multidisciplinar, tendo como base os eixos prevenção, educação, saúde, assistência social, esporte, cultura, lazer e formação para o trabalho como base para sua atuação. Contudo, fica a reflexão sobre a não existência de, se quer, alguma coisa que aponte para música no estatuto da APAE local tendo em vista que na prática local da APAE a música se mostra presente de forma constante, tanto em grupos terapêuticos, atividades culturais como grupo de xaxado como ferramenta pedagógica e promotora de saúde. Ademais, há um reconhecimento dos participantes deste estudo do papel terapêutico e transformador da música nas atividades desenvolvidas pelos diferentes profissionais que atuam naquele espaço.

Síntese dos significados sobre música identificados nesta pesquisa:

Múltiplas unidades:
Promotor de interação social
Recurso pedagógico
Entretenimento
Na promoção de Saúde:
Instrumento de estimulação sensorial
Regulador emocional
Recurso psicoterapêutico
Recurso no desenvolvimento da fala
Facilitador na construção de vínculo terapêutico
Instrumento de intervenção terapêutica múltipla

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o presente trabalho teve como objetivo compreender como se constituem os significados sobre música em profissionais atuantes numa APAE local e entender a maneira como esses profissionais se utilizam da música em suas práticas. Por meio da pesquisa pode-se constatar que a música é utilizada como recurso em atividades pedagógicas, sociais e terapêuticas, podendo também desempenhar múltiplas funções dependendo do objetivo. No contexto da APAE, a utilização da música possibilita a criação de espaços de expressão e participação, resgatando a singularidade dos indivíduos e promovendo interações significativas dentro da cultura e das relações sociais. Essa abordagem reforça o compromisso pedagógico e a responsabilidade social da instituição ao reconhecer a importância dos significados atribuídos pelos profissionais à sua prática, contribuindo para um ambiente mais

inclusivo e humanizado. A pesquisa aponta para a realidade de que, mesmo tendo profissionais de outras áreas utilizando a música, entendendo e desvendando suas potencialidades, a falta de um profissional qualificado para a condução tanto terapêutica, quanto pedagógica ainda se mostra como uma lacuna acentuada que trava o avanço do uso da música nesses contextos. Essa realidade faz com que essa pesquisa venha fortalecer a causa que luta pelo avanço do conhecimento e valorização de profissionais como professores de música e, principalmente, musicoterapeutas. Além disso, dialoga com o momento histórico presente que se configura como um ano importante para a classe dos musicoterapeutas tendo em vista o dia 11 de abril de 2024 quando entrou em vigor a lei de regulamentação da atividade profissional dos musicoterapeutas. Esses pontos evidenciados acima campos que não estavam dentro deles, mas que trazem relevantes contribuições para o avanço da ciência e da sociedade.

Portanto, além do que foi dito, a pesquisa gerou novas dúvidas como: Como as vivências musicais de algum profissional de saúde em sua graduação influenciam na utilização da música em seu contexto de trabalho? Qual a fronteira entre terapias com música e musicoterapia? ou quais os significados sobre música os assistidos pela APAE local possuem? Essas questões possibilitam possibilidades de futuras pesquisas dentro dessa temática, podendo assim ampliar o escopo de conhecimentos acerca desse tema.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Graciana Vieira de. **Transição escolar**. Curitiba: Appris, 2020.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia). Título original: La recherche qualitative.

COSTA, E. V.; LYRA, M. C. D. P. Como a mente se torna social para Barbara Rogoff? A questão da centralidade do sujeito. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 3, p. 637-647, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n3/a17v15n3.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOURO, Viviane. **Jogos e atividades musicais para a educação musical inclusiva**. 1. ed. São Paulo: Editora Som, 2018.

LUCENA, Rodrigo Oliveira de. **Vibrações do silêncio na Educação Inclusiva: mediações possíveis no ensino de música para pessoas com surdez**. Olinda, PE, 2022. Disponível em: <https://musicaeinclusao.wordpress.com/2013/06/07/junior-jose-davison-da-silva-a-util-izacao-da-musica-com-objetivos-terapeuticos-interfaces-com-a-bioetica-2008/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

LYRA, M. C. D. P.; VALSINER, J. Historicity in development: abbreviation in mother-infant communication. **Infancia y Aprendizaje (Ed. Impresa)**, v. 34, n. 2, p. 195-203, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA Editora, 1997.

SILVA JÚNIOR, José Davison da. **A utilização da música com objetivos terapêuticos: interfaces com a Bioética** [manuscrito]. 2008. Disponível em: <https://musicaeinclusao.wordpress.com/2013/06/07/junior-jose-davison-da-silva-a-utilizacao-da-musica-com-objetivos-terapeuticos-interfaces-com-a-bioetica-2008/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

VALÉRIO, T. A. M. **Planejando uma aula de música: processos imaginativos em ação.** 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

VALÉRIO, T. A. M. **O filho adotivo não vem de fora, vem de dentro: um estudo sobre trajetórias de vidas e a construção de significados sobre a decisão de adotar na perspectiva da psicologia cultural semiótica.** 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

VALSINER, Jaan. **An invitation to cultural psychology.** Los Angeles: SAGE Publications, 2014.

VALSINER, Jaan. **Culture and the development of children's action: a cultural-historical theory of human development.** 2. ed. New York: Wiley, 1997.

VALSINER, Jaan. **Culture and human development.** London: Sage Publications, 2000.

VALSINER, Jaan. **Culture in minds and societies: foundations of cultural psychology.** SAGE Publications, 2007.

VALSINER, Jaan. **Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida.** Trad. Ana Cecília S. Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALSINER, Jaan. Irreversibility of time and ontopotentiality of signs. **Estudios de Psicología**, v. 23, n. 1, p. 49-59, 2002. Disponível em: <http://www.dialogicidad.cl/papers/Valsiner5.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.

VALSINER, Jaan; ROSA, A. **The Cambridge handbook of sociocultural psychology.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZITTOUN, T. Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. In: VAN DER VEER, R.; VAN DIJK, A. (Ed.). **Dynamic process methodology in the social and developmental sciences.** Springer US, 2009, cap. 18, p. 405-429.